



Instituição psicanalítica e Formação Permanente

Miguel Calmon du Pin e

Almeida

Não parece estranho a nenhum de nós que quase todas as vezes que alguém se propõe a pensar criticamente a psicanálise, a formação psicanalítica e suas instituições, o fantasma da destruição, dos rompimentos societários e da deterioração do método se desperte.

No entanto, e para nosso sossego, sempre existiram, existem e espero seguirão existindo aqueles que entre nós, ao pensarem as mudanças do mundo, percebem o risco que corremos de perder o bonde da história, tornando anacrônicos tanto nossos modelos teóricos como nossa clínica e se dispõem a debater. Não tenho dúvidas que sem este esforço estaríamos hoje condenados pelo enrijecimento de nossas teorias e cristalização de nossa clínica.

Deixarei para nosso debate os acontecimentos que nos acompanham no presente. Para começar, gostaria de focar uma questão de princípio.

O psicanalista, e amigo, Fabio Lacombe, em *Institucionalização, ato contra a verdade*¹, discute a etimologia da palavra instituição. “A palavra *instituir* vem do latim *stituere*, cuja acepção originária diz colocar em pé, mas não de qualquer maneira, e sim de forma a resistir à ação de forças que visam

¹ Comunicação pessoal.



abalar o instituído. De forma pouco refletida, dizemos que podem ser externas e internas e, a partir do que seriam estas últimas, desenvolveremos nossa reflexão. Portanto, a instituição, segundo a experiência subsumida no étimo, resulta de um combate originário, que, de fato, nunca se esgota”.

Por estar na origem, este combate vigora em toda a dimensão da experiência humana: passado, presente e futuro. Acrescenta Fábio, que, por isso mesmo, não devemos entender este combate de forma leviana e habitual e cita Heidegger: *“certamente, falsificamos com facilidade a essência do combate, na medida em que confundimos sua essência com a discórdia e a disputa e, portanto, só o conhecemos como perturbação ou destruição. Todavia no combate essencial, os combatentes elevam-se um ao outro à autoafirmação das suas essências. A autoafirmação da essência nunca é, porém, a cristalização num estado ocasional, mas o abandono na oculta originalidade da proveniência do seu ser próprio”.* (Heidegger, M, A origem da obra de arte, p 38, Ed 70, Lisboa, 2008).

Portanto desde a origem, é próprio à experiência humana o combate. A todo o momento naquilo que se institui, isto é, naquilo que se coloca de pé, algo simultaneamente excede e se instala fazendo pressão para fazer cair o que se pôs de pé. Combate incessante entre o permanente e o móvel, combate originário.

O que Heidegger chama a atenção em sua crítica é a fácil confusão que se estabelece quando se toma este combate como



apenas discórdia ou disputa, portanto algo que poderia ser evitado se uma política adequada fosse tomada em consideração. Continua Fábio Lacombe: *“Colocada porém na órbita do “erro”, a política se torna um instrumento de estabelecimento do “certo” e, no interior dessa mecânica, os aspectos destrutivos ficam reduzidos a uma espécie de desarranjo passageiro”*. E não mais como constitutivos da própria prática política.

Tomando em consideração este combate originário do que *nunca se esgota*, falar em qualquer coisa permanente em relação às instituições já significa estar diante e de posse do combate a ser combatido. Permanente só o combate contra o que resiste e busca eliminar o combate. Se, além disso, acrescentarmos que estamos falando das instituições psicanalíticas, lugar onde se pretende que aconteça uma formação em psicanálise, a referência ao que quer que exclua o conflito fica mais estranho ainda à experiência humana.

No entanto, somos constantemente convocados para falar de “formação permanente”, como se fosse possível a um psicanalista terminar sua formação ou sua análise.

Marcelo Viñar² nos adverte para o fato de que a teoria se constrói no dia a dia, no concreto de cada caso, onde a práxis modela a teoria e a teoria se elabora na práxis. Por isso ao admitir a violência como algo humano, Marcelo Viñar afirma ser contra pensá-la como uma categoria única que independa das circunstâncias e dos

² Uma utopia sem lugar de chegada. Entrevista à Revista Percurso n 25- 2/2000.



acontecimentos. Diz: *“O problema é que ela não é uma só. Há muitas violências: umas são mais toleráveis e outras são mais abjetas. Uma coisa é uma fantasia filicida ou parricida, outra coisa é matar um filho ou matar um ser humano. Por isso penso que, antes de falar em violência, é preciso falar em **semiologia do acontecimento**”*. Queremos a paz, mas nos escapa os meios de dirigir este bem soberano. E porque nos escapa, nos vemos obrigados a inventar outros caminhos, sempre marcados pela provisoriedade, e que incluía *“certas margens toleráveis de violência, de inimizade e de crueldade”*. Por isso não podemos estabelecer categorias únicas, fixas, onde o mal esteja substancializado. Esta não é sua aposta e nem lhe parece o melhor caminho. Continuo com Marcelo Viñar: ...*“É necessário trabalhar com as realidades humanas, institucionais e sócio-políticas **concretas**, estudando grupos familiares, grupos institucionais ou nações. Deve-se ir em direção à definição semiológica e à descrição concreta de onde e como emerge a violência intolerável. Deve-se dirigir para unidades abordáveis, em um lugar determinado, em um grupo determinado, em uma instituição determinada e aí buscar genealogias e desenvolvimentos, matizes onde a compreensão e a transformação são concomitantes.*

A aposta de Marcelo Viñar, que faço também minha, é partindo de uma semiologia prolixa do acontecimento, *“de onde emerge o abjeto, de onde emerge a crueldade intolerável e de onde emerge essa dose de crueldade e de violência que é parte da vida*



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



*humana*³” para então criar espaços de diferença e reflexão. Nem sempre teremos sucesso. Nem sempre nossa escuta será suficiente para criar estes espaços, estes vazios que permitem “*a perpétua tramitação entre momentos de bloqueio e de desbloqueio*”.

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2020.

Miguel Calmon du Pin e Almeida.

³ Ainda Marcelo Viñar na referida entrevista: “*Para dizê-lo de uma maneira muito direta e simples: a vida implica a violência. Viver implica a violência e não há vida “pensável” sem violência*”.